

ECOANDO MEMÓRIAS SILENCIADAS NAS PLACAS DE FORMATURA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE¹

E-mail:
elivanda.souza@ufpe.br
bernardina.oliveira@ufpe.br

Elivanda Pereira de Souza², Bernardina Maria Juvenal
Freire de Oliveira³

RESUMO

O artigo analisa uma coletânea de placas de formatura de graduados em Direito, que estão instaladas nas paredes dos corredores centenários da Faculdade de Direito do Recife e que circundam o pátio interno da edificação, considerando-as extensores memoriais com potencial infomemorial. A coleção é composta por um conjunto de 122 placas de formatura, o recorte temporal compreende os anos de 1953 a 2024, e atualmente sob guarda e responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife. Adota-se metodologia descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, com pesquisa documental in loco e estudo de caso fundamentado em conceitos de documento, memória institucional, lugares de memória e materialidade como facilitadora da consciência histórica. Conclui-se pela identificação de memórias silenciadas nos artefatos analisados, bem como pela necessidade de instituir procedimentos de registro para a segurança dos acervos institucionais e de políticas públicas voltadas à proteção do patrimônio, ao acesso à informação e à preservação da memória.

Palavras-chave: Placas de formatura; Extensores de memória; Infomemorial; Memória institucional; Faculdade de Direito do Recife.

ABSTRACT

The article analyzes a collection of graduation plaques of law graduates, which are installed on the walls of the century-old corridors of the Recife Law School and surround the building's inner courtyard, considering them memorial extensions with infomemorial potential. The collection consists of a set of 122 graduation plaques, covering the period from 1953 to 2024, and is currently under the care and responsibility of the Federal University of Pernambuco, in Recife. A descriptive and exploratory methodology is adopted, with a qualitative approach, with on-site documentary research and a case study based on concepts of document, institutional memory, places of memory, and materiality as a facilitator of historical consciousness. The conclusion is based on the identification of the main silenced memories in the artifacts analyzed, as well as the need to establish registration procedures for the security of institutional collections and public policies aimed at protecting heritage, access to information, and the preservation of memory.

Keywords: Graduation plaques; Memory extenders; Infomemorial; Institutional memory; Recife Law Faculty.

¹ Pesquisa de Mestrado qualificada em 22 de agosto de 2025.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI). <https://orcid.org/0009-0006-1531-0150>.

³ Doutora em Letras pelo PPGL/UFPB. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFPE e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. <https://orcid.org/0000-0002-6836-3102>.

O Palácio Histórico da Faculdade de Direito do Recife (FDR), integrante do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Campus Centro, constitui um monumento emblemático da história jurídica e intelectual brasileira, construído no início do século XX e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e pela Prefeitura da Cidade do Recife (PCR). Essa instituição é uma das pioneiras no ensino jurídico no Brasil e é reconhecida como um dos pilares na formação da elite jurídica e política do país desde sua fundação em 1827.

Seus corredores centenários, nos níveis do térreo e do subsolo, abrigam inúmeras placas de formatura de graduados em Direito, esses artefatos paradoxalmente expostos e invisíveis, que transcendem a função decorativa ao atuarem como extensores de memória, conforme Candau (2011), facilitando a recomposição da memória coletiva do campo jurídico pernambucano.

A preservação física e a exposição dessas placas de formatura asseguram que futuras gerações reconheçam e rememorem as conquistas registradas, funcionando como vestígios materiais e simbólicos fundamentais à construção da memória institucional. Esses artefatos exemplificam infomemoriais, ao materializar informações que representam e perpetuam a memória, a identidade e a história do grupo e da instituição.

Assmann (2011, p. 53) postula que a memória avança pelo passado, penetrando o esquecimento para rastrear rastros soterrados e reconstruir evidências relevantes ao presente, atuando como ponte seletiva entre passado e atualidade.

Portanto, essas placas configuram-se como dispositivos essenciais para a preservação da memória institucional e o revigoramento de percepções coletivas, alinhando-se à concepção de lugares de memória de Nora (1993), que abrange monumentos, edifícios, objetos e práticas culturais encapsulando dimensões históricas e identitárias de grupos sociais.

As placas de formatura, similarmente à escrita, preservam história, memória e identidade coletiva da FDR, com sua materialidade convertendo-se em extensores de memória (Candau, 2011), fomentando a consciência histórica no campo jurídico brasileiro.

A coleção de placas de formatura da FDR constitui o corpus desta investigação, analisada como extensores de memória (Candau, 2011), cujas informações materializadas rastreiam indícios e signos que sustentam a memória acadêmica e coletiva da instituição.

As placas de formatura da FDR documentam vários anos de narrativas jurídicas, revelando ausências cronológicas, homenagens recorrentes e outros elementos simbólicos. Esse corpus analisado preserva trajetórias silenciadas, funcionando como extensores mnemônicos que transcendem o caráter meramente decorativo. Conforme Candau (2011, p. 108) caracteriza a transmissão da memória como um capital que envolve tanto recordações quanto esquecimentos, destacando a importância das "extensões de memória", elementos externos que contribuem para a preservação e evocação de recordações.

Assim, este artigo analisa a coleção de placas de formatura da FDR, considerando seus indícios memoriais como extensores que recompõem dimensões da memória coletiva jurídica pernambucana. O objetivo consiste em investigar como a materialidade, a localização e o conteúdo desses artefatos. Especificamente, pretende-se realizar o levantamento quantitativo das placas localizadas no térreo e subsolo, identificando lacunas temporais e danos; analisar elementos simbólicos; e examinar o discurso inscrito para compreender os valores e mentalidades das turmas ao longo das décadas.

Para tanto, apresentamos a seguinte questão de pesquisa: Como a coleção de placas de formatura constante da Faculdade de Direito do Recife, atuam como extensores memoriais e quais narrativas ecoam ao longo do tempo?

2. A INFORMAÇÃO AOS EXTENSORES DE MEMÓRIA

A Ciência da Informação ao longo do tempo ampliou seu escopo para além da análise exclusiva do conteúdo informacional. Esse desenvolvimento ocorreu por meio de um processo acumulativo que passou a considerar não apenas o conteúdo da informação (mensagem), mas também o suporte em que esta se apresenta. Essa mudança de paradigma reconhece que o meio de armazenamento e transmissão é indissociável da mensagem, sendo fundamental para a compreensão dos fluxos informacionais contemporâneos e para a preservação do conhecimento.

A compreensão do que constitui um documento foi moldada pelas contribuições de Paul Otlet, Suzanne Briet e Michael Buckland. Para Otlet (1934) expandiu a noção de documento para além do livro, focando na "materialização do pensamento humano" como meio de circulação do conhecimento e definindo o documento como um suporte contendo dados intelectuais. Segundo Briet (2016), a qualidade documental depende do "tratamento e da intencionalidade" conferidos ao objeto. Essa perspectiva é exemplificada pelo célebre caso do antílope, que se torna documento ao ser catalogado em um contexto de estudo científico. Buckland (1997), retomou e ampliou essas discussões para o ambiente digital, propondo uma abordagem funcional baseada em quatro aspectos: materialidade, intencionalidade, processamento e percepção fenomenológica do objeto como documento.

No âmbito da Ciência da Informação, a distinção e a relação entre mensagem e suporte são cruciais. Segundo Vieira (2014), o suporte ou portador é definido como a "base, seja física ou virtual, que sustenta informações", influenciando diretamente o gênero textual, a formatação e a leitura. A escolha do suporte não é neutra; ela impacta a preservação e a transmissão da mensagem. Além disso, a materialidade dos documentos, sejam eles publicações do mercado editorial ou registros digitais, atua como um instrumento que amplia a capacidade da memória, permitindo o acesso a informações que, sem esse registro físico ou virtual, poderiam se perder. Ademais, Frohmann (2008, 2009) assevera que a materialidade do documento constitui uma camada complexa de elementos simbólicos, que se encontra em constante transformação por consequência de fatores históricos-sociais e culturais.

As placas de formatura transcendem sua função de mero registro administrativo, carregando um profundo simbolismo. Elas funcionam como "meios de comunicação de memória materializada" que conectam o passado ao presente institucional, simbolizando conquistas, identidades e memórias compartilhadas.

O documento, conforme argumentam Sousa e Oliveira (2025, p. 5), constitui-se como um meio fundamental para a expressão de "discursos carregados de intenções, em que os sujeitos buscam registrar suas práticas sociais, tais como seus posicionamentos políticos, valores simbólicos, suas crenças etc". Dessa forma, tais documentos contribuem significativamente para a construção de referências de memória e para a formação de identidades, refletindo traços simbólicos que identificam pessoas e grupos.

De acordo com Marcial e Vieira (2020, p. 151), a memória institucional compreende o "[...] conjunto de atributos, histórias, momentos, relações externas e trajetórias realizadas pelas instituições [...]". Complementarmente, Costa (1995, p. 45) enfatiza que o desenvolvimento da memória institucional requer a definição de "[...] métodos, políticas e meios adequados [...]" para sua organização, embasado em uma estratégia de memória orientada para a ação. Esses

espaços e registros, como as placas, não são estáticos; são áreas dinâmicas onde a memória é constantemente negociada e reafirmada pela comunidade.

Por fim, a perspectiva de Candau (2011, p. 22) trata a memória não como um armazenamento passivo, mas como um processo "[...] plástico, flexível e flutuante, de uma grande capacidade adaptativa e variável de um indivíduo a outro [...]". Nesse sentido, as placas de formatura da Faculdade de Direito do Recife (FDR) são apresentadas como "extensores memoriais", dispositivos que permitem que a informação transcenda a memória individual e se torne acessível coletivamente. A materialidade desses objetos facilita uma possível construção da consciência histórica, garantindo a durabilidade das narrativas e permitindo que as gerações futuras se reapropriem desse passado, atuando como facilitadores essenciais da memória social e institucional.

3. O PROCESSO DE VERIFICAÇÃO DAS COLEÇÕES DE PLACAS DE FORMATURA DOS BACHARÉIS EM DIREITO DA FDR: PRÁTICA DE COLETA E MÉTODO DE ANÁLISE

Não existe registro formal sobre a origem da primeira placa de formatura na FDR, nem sobre entradas ou retiradas desses artefatos nos arquivos institucionais ou setor logístico. Os formandos depositam as placas para fixação nas paredes, com descerramento oficial durante discursos inaugurais, o que evidencia, em primeiro momento a importância do ato simbólico, mas também do próprio artefato, e, em segundo a ausência documental que intensifica o apagamento da memória institucional.

O mapeamento, catalogação e representação fotográfica das placas de formatura com o recorte temporal que compreende os anos de 1953 a 2024, fixado nos corredores centenários da FDR, basearam-se na planta baixa dos níveis do térreo, subsolo e 1º andar visando identificar os corredores existentes e a disposição de todas as placas. Estas foram organizadas em uma numeração cronológica, conforme corredor de localização e o ano de formatura.

O procedimento revelou-se meticuloso e prolongado, o mapeamento inicial em 22 de julho de 2024 e conferência em 17 de fevereiro de 2025, tendo como objetivo principal localizar todos os corredores com placas e suas posições exatas nas plantas baixas.

Após essas etapas, a investigação priorizou o exame detalhado de indício, signo e vestígio de servidores, docentes, discentes e personalidades registrados nas placas. Conforme Uhlenbeck (2020), essa fase assemelha-se à abertura de um caminho na selva, marcada por busca incessante de marcas pelo pesquisador.

Em alinhamento com Assmann (2011) discute acerca de rastros soterrados e esquecidos, a análise detalhada de cada placa de formatura permitiu a reconstrução de evidências relevantes para a contemporaneidade, resultando em descobertas significativas. Essa abordagem tirou do silenciamento memórias latentes, perpetuadas no suporte material.

Nesse sentido, a pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentado na pesquisa documental *in loco*.

O corpus da pesquisa foi constituído pela totalidade de 122 placas de formatura encontradas nas dependências da FDR. O procedimento metodológico seguiu três etapas rigorosas:

1. Levantamento e Inventário: Foi realizado um mapeamento físico exaustivo nos corredores dos níveis térreo, subsolo e 1º andar;
2. Registro Fotográfico: Cada placa foi fotografada para análise posterior de detalhes textuais;

3. Análise de Conteúdo: Interpretação dos elementos textuais (citações, juramentos, homenagens) e iconográficos (logótipos, fotografias).

Do ponto de vista analítico a pesquisa apropriou-se ainda do paradigma indiciário Ginzburg (1989) com vistas a extração de informações contidas nessas placas documentais, visando à ressignificação desse material, assim como a revelações das informações e memórias acumulada são longo do tempo na instituição. Nesse sentido nos ancoramos em Ginzburg (1989, p. 177), ao afirmar, “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Ademais, o mesmo autor (1989, p.144) afirma que “[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis [...]”. Nesse contexto, sabe-se que a realidade é constituída por diversas camadas, e ao desvelar uma delas, somos conduzidos à descoberta de fatos que anteriormente se encontravam ocultos. Um dos métodos empregados para evidenciar objetos no âmbito científico é o paradigma indiciário. O historiador italiano Ginzburg (1989) conduz uma análise das características do paradigma indiciário, utilizando um método de análise de narrativas que se fundamenta na comparação com as técnicas empregadas por Morelli, Sherlock Holmes e Freud. O autor ressalta a identidade metodológica desse paradigma, focalizando a essência dos indícios, vestígios, sinais, pistas e marcas presentes em suportes e características menos evidentes, que, à primeira vista, podem parecer insignificantes.

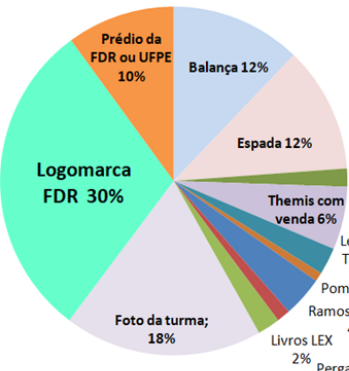
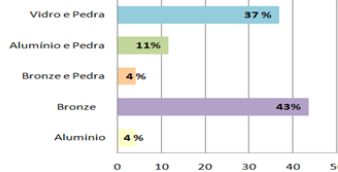
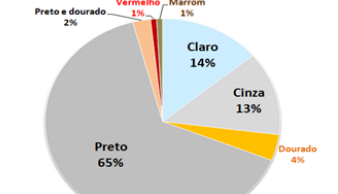
Em síntese, é importante prestar atenção aos mínimos detalhes, ou mesmo àquilo que parece opaco, assim como às características menos vistosas, que podem ser presumivelmente consideradas insignificantes. É essencial reconhecer aspectos que outros podem não ter notado e explorar as possibilidades que surgem do que não é imediatamente aparente para observadores inexperientes ou distraídos. Tal abordagem possibilita a extração de pistas fragmentárias deixadas por indivíduos do passado, as quais permitem a decifração e a compreensão do contexto em questão.

4 RESULTADOS GERAIS DOS LEVANTAMENTOS DAS PLACAS DE FORMATURA DA FDR

Para fornecer uma compreensão aprofundada do material empírico que sustenta a investigação das placas de formatura da FDR, revela-se imprescindível a apresentação da conclusão do inventário das placas analisadas. Sabe-se que esses artefatos foram concebidos como extensores de memória, uma vez que sua materialidade transcende o limite individual, tornando as narrativas históricas acessíveis à comunidade acadêmica e às futuras gerações.

O detalhamento metodológico do corpo mostrou-se fundamental para o filtro e a seleção dos dados coletados. Assim, o Quadro 1 apresenta o detalhamento dos dados extraídos das placas de formatura da FDR analisadas, incluindo a quantidade de placas, o nome do patrono mais frequente, os elementos iconográficos identificados, a composição do material, bem como, a cor do fundo da placa e a localização de sua disposição.

Quadro 1 - síntese dos dados extraídos das placas de formatura da FDR

Total das placas		Lacuna nos anos	Nome da turma escrito na placa de formatura da FDR	Elementos iconográficos encontrados na placa de formatura da FDR													Composição da placa de formatura da FDR								Localização da placa de formatura da FDR
				Balança	Espada	Themis sem venda	Themis com venda	Lei das Doze Tábuas	Pomba	Ramos de louro	Pergaminho	Livros LEX	Foto da turma	Logomarca UFPE ou FDR	Prédio da FDR	Material				Cor do Fundo					
																Vidro	Alumínio	Bronze	Pedra	Claro	Cinza	Dourado	Preto		
122	1954	5 placas com nome de Dom Helder Câmara; 3 placas com nome de Pontes de Miranda; 3 placas com nome de Ariano Suassuna; 2 placas com nome de Prof. Flávio Queiroz Bezerra Cavalcanti; 2 placas com nome da Prof. Maria Bernardette Neves Pedrosa.	29	28	4	14	6	2	9	3	5	44	71	24		5	53			17	16	5	79	54 (44,26%) Térreo	
																Bronze e Pedra = 5				Preto e dourado = 3					
																Alumínio e Pedra = 14				Vermelho = 1					
																Vidro e Pedra = 45				Marrom = 1					
 <p>Total de elementos iconográficos de 239</p>															 <p>37 % 11% 4% 4%</p>								68 (55,73%) Subsolo		
 <p>65% 14% 13% 4% 2% 1% 1%</p>																									
Total 122																									

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2025).

Conforme o Quadro 1, na coleção de placas de formatura da FDR (1953-2024), identifica-se a ausência exclusiva do ano de 1954. Anos como 1977, 1980, 1981, 1982, 1989, 1994, 2002, 2003 e 2008 registram três placas cada; 1978, 1979, 1983-1988, 1990-1992, 1995-1999, 2001, 2006-2011, 2013-2019 e 2022 apresentam duas placas cada; e os demais anos contam com uma única placa.

Dom Helder Câmara destaca-se como patrono em cinco placas (1966, 1981, 1986, 1989 e 2009.1); Pontes de Miranda, em três (1977, 1977 e 1980); Ariano Suassuna, em três (1989, 2015 e 2015); Prof. Flávio Queiroz Bezerra Cavalcanti, em duas (2013 e 2014); e Profª. Maria Bernardete Neves Pedrosa, em duas (1986 e 1993), evidenciando a relevância simbólica dessas figuras para múltiplas turmas ao longo de décadas.

Dentre os elementos iconográficos identificados, destacam-se 71 logos e 44 fotografias das turmas. Os símbolos mais frequentes foram a balança, presente em 29 placas, e as espadas, em 28. O bronze prevaleceu como material predominante, enquanto a cor preta foi a mais utilizada nos fundos das placas. Em relação à localização, 54 placas estão dispostas no térreo (44,26%) e 68 no subsolo (55,73%), evidenciando a distribuição espacial do acervo analisado. No inventário revela duplicação de placas 2018.1, manhã e noite – “Sara Ingridy Barbosa de Santana” e “Marielle Franco”, com configuração iconográfica e textual idêntica. Apresenta setenta e uma placas exibem logotipos da UFPE (“*OPUS JUSTITIAE PAX*”) e da FDR (“FD”), além de juramentos iniciais proferidos na colação de grau, conduzida pelo diretor em sessão solene.

No mapeamento foi realizado em 22 de julho de 2024 e conferido em 17 de fevereiro de 2025, identificaram-se ausências no subsolo: placas 2006.1 e 2005.1, removidas por infiltrações; constataram-se a adição de uma placa substituta no ambiente térreo, Bacharéis de 2005.1 (“Turma Sonho que podemos ter”), confeccionada em bronze dourado, a fim de evitar o apagamento da referida turma no acervo (Quadro2).

Quadro 2 – Placas removidas e uma nova recolocação.

		
<p>78 – Bacharéis de 2006.1, Turma “Respeitar Tradição e Continuar Fazendo História” – A localização encontrava-se no subsolo do edifício e foi afetada por infiltrações.</p>	<p>86 – Bacharéis de 2005.1, Turma “Sonhos que Podemos Ter” – A localização encontrava-se no subsolo do edifício e foi afetada por infiltrações.</p>	<p>53 – Bacharéis de 2005.1 – Turma “Sonho que podemos ter” – uma nova placa de formatura em bronze foi instalada no térreo do edifício.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2025).

O acervo de placas comemorativas da FDR compreende quatorze unidades referente a jubileus de 20, 25, 30, 40 e 50 anos de turmas de formatura, destacando-se: 20 anos (1982); 25 anos (1955; 1962; 1974); 30 anos (1966; 1970; 1986.1; 1986.2; 1987); 40 anos (1976); e 50 anos (1962;1972; 1973; 1975). Em suma, a distribuição das quatorze placas comemorativas revela predominância de celebrações de 30 anos com cinco unidades, seguidas por quatro unidades de 50 anos, três unidades de 25 anos, uma unidade de 20 anos e uma unidade de 40 anos, associadas a diversas turmas de formatura.

A comissão de formandos de diversas placas demonstra respeito ao servidor aposentado Aldemir Sebastião dos Santos por meio de um expressivo acervo de homenagens registradas em 26 placas de formatura do curso de Direito. Essas placas, localizadas nos corredores do subsolo da FDR, atestam a relevância e o impacto de sua atuação no ambiente acadêmico.

A placa de 1998.1 - "Cidadania se Constrói com Respeito aos Direitos Humanos" destaca-se por sua materialidade única em cerâmica vitrificada (65 cm x 52 cm), com moldura em pedra e placa de alumínio, assinada pelo artista Francisco Brennand (FB, 1998). Essa obra eleva o artefato ao patrimônio artístico da FDR, transcendendo seu valor histórico (Fotografia 1).

Fotografia 1 – Placa de Bacharéis de 1998.1.



Fonte: elaborado própria autora.

A placa cristaliza prestígio institucional, materializando hierarquias sociais, legados familiares e conquistas jurídicas em suporte durável, evocando estruturas imutáveis que petrificam narrativas particulares na memória coletiva. O artefato homenageia pioneiras: Professora Helena Caúla Reis, primeira diretora *pro-tempore* (1998), com seu filho André Luiz como formando; e Maria Bernadete Pedrosa, primeira docente (1965), que proferiu a aula de encerramento. Essas figuras femininas impactaram profundamente a história e memória da FDR. As placas atuam como âncoras mnemônicas, influenciando rememoração coletiva e pessoal. Continuando na placa de 1998.1, que elege Eduardo Campos (neto de Miguel Arraes) como patrono e Leônio José Alves da Silva como juramentista – atual professor titular do CCJ/UFPE em disciplinas como Direito Civil e Urbanístico –, reforçando seu valor histórico e biográfico.

Foram descobertas de dezoito vestígios e mensagens registradas nas placas de formatura que possui grande relevância, pois tais rastros, até então soterrados ou negligenciados, contribuem significativamente para a reconstrução de evidências históricas pertinentes à contemporaneidade. No Quadro 3 apresenta as mensagens que ilustram esses vestígios contidos nas placas de formatura da FDR.

Quadro 3 – Vestígios e mensagens registradas nas placas de formatura da FDR

Ano	Turma	Local	Mensagem na escrita na placa
1964	Sérgio Loreto Filho – Bacharéis de 18 de dezembro de 1964.	Térreo	"nossa estima ao símbolo de uma época" (Armando Vasconcelos).
1980	Prof. Raimundo Faoro – Bacharéis de dezembro de 1980.	Térreo	"A espada sem a balança é a força brutal; a balança sem a espada é a potência do direito" (Rudolf Von Ihering, 1888).
1981	Prof. Dalmo Dallari – Bacharéis de dezembro de 1981.	Térreo	"O bom conhecedor de técnicas jurídicas que não se comprometer com a justiça e a liberdade poderá ser um profissional bem-sucedido, mas será um fracasso como homem."
1981	Dom Helder Câmara – Bacharéis de 1981.	Subsolo	"Não basta que seja pura e justa a nossa causa, é necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós."
1985	Tancredo de Almeida Neves – Bacharéis de 1985.	Térreo	"Onde não há trabalho, não há pão, e as migalhas eventualmente obtidas, sabe Deus como serão umedecidas pelas lágrimas da vergonha" (Tancredo de Almeida Neves).
1988	Augusto de Souza Duque – Bacharéis de dezembro de 1988.	Subsolo	"A liberdade criativa e o espírito de reflexão crítica e rebeldia são o estigma da Faculdade de Direito do Recife. Ela é uma instituição meta-histórica, que se perpetua na evangelização do direito, da justiça social e da lei, sempre fiel ao seu ideário perene e eterno." (Prof. Luiz Pinto Ferreira)
1989	Dom Helder Câmara – Oitenta Anos de Amor – Bacharéis de julho de 1989.	Térreo	"Esta mensagem deve ser breve e singela, porém aureolada de carinho e de estima porque pretende chegar até os vossos corações. Já não se trata de colocar em vossas mãos, na oficina das salas de aula, os instrumentos adequados à construção de uma Ciência do Direito. Trata-se agora de dizer o que ali não foi dito, lembrando que enquanto ouvistes os vossos mestres tostes criaturas, mas que depois de ouvi-los sereis criadores. Que este vosso primeiro dia de Bacharéis em Direito traga as festividades de um primeiro dia de criação. E que se faça a luz, porém uma luz nova, que de vós mesmo se irradia, iluminando os caminhos de muito que dele carecem" (Prof. Romualdo Marques).
1989	Ariano Suassuna – Bacharéis de dezembro de 1989.	Subsolo	"Um grande jurista afirmou certa vez que o drama do Direito é que ele só é chamado quando o amor e a compreensão se acabam. Por isso o exercício do Direito exige, mais do que tudo, uma grandeza humana que espero seja o guia de vocês pela vida a fora" (Ariano Suassuna).
1991	Evandro Cavalcanti – Bacharéis de julho de 1991.	Subsolo	"Soem minhas últimas palavras, hoje, como uma expressão de esperança e confiança. Esperança-confiança na luta do povo; esperança-confiança na capacidade de organização do trabalhador; na defesa das suas bandeiras de luta; esperança-confiança de que conquistaremos a democracia neste País; esperança-confiança de que um dia a sociedade brasileira não será formada de uma imensa maioria de explorados, mas de cidadãos com direitos e deveres iguais." (Evandro Cavalcanti, Surubim, 2 dez. 1983)
1993	Profa. Maria Bernardette Neves Pedrosa – Bacharéis de julho de 1993.	Térreo	"...nossa pobre ciência imperfeita, que anseia pela justiça e, muitas vezes, se vê obrigada a sacrificá-la em nome da certeza; que busca proporcionar aos homens o que, na realidade, apenas o amor poderia oferecer; mas que não deve cessar em seu esforço incansável, enquanto houver no mundo uma conexão humana" (Dr. José Paulo Cavalcanti).
1994	Professor Gilberto Marques Paulo – Bacharéis de 11 de agosto de 1994.	Térreo	Há momentos singulares, cuja explicação maior repousa na grandeza do gesto e na bondade do espírito. Deles a inteligência e o destino me fazem um contemplativo. Alguém que encontrou a razão de ser no repartir o saber. No esperar pelo amanhã, na certeza de que a colheita se avizinha e a mesa será posta. Ontem, sementes foram lançadas no solo da Faculdade de Direito do Recife, hoje frutos sazonados são colhidos dessa seara cultivada com a luta e sacrifício que empreenderam. Esteja sempre presente que implementar a Justiça é nossa missão. Sem esse substrato, as leis se apresentam inócuas e espúrias, ontologicamente incapazes de promover a dignidade humana, de igualar a sociedade e de romper os grilhões da miséria em seu tecidos sociais. Partir é preciso, nova searas os aguardam" (Prof. Gilberto Marques Paulo).
1994	Herbert de Souza (Betinho) – Bacharéis de 1994	Subsolo	"Admiro profundamente a pureza de uma juventude que acredita em valores como a solidariedade e a justiça. Nosso país necessita de vocês, e nosso povo clama por justiça. Vocês terão a responsabilidade de administrar a justiça, mas gostaria que olhassem para nosso povo, sentissem a nossa realidade e buscassem nela o verdadeiro significado da justiça. Recebam meu abraço e meu apelo para que nunca percam a vontade de humanizar a justiça."

1995	Professor Olímpio Costa Júnior – Bacharéis de dezembro de 1995	Subsolo	"Mutável a lei, como fugaz a rosa: mas ambas constantes com representação, a depender da mão que uma delas colha e do cérebro que aplique a outra, o qual deve procurar amortecer-lhe o impacto da queda sobre o mundo Humanizando-a" (Olímpio Costa Júnior).
1997	170 anos de Direito, Tradição e Liberdade – Bacharéis de 1997.1	Subsolo	"Nós dizemos não à neutralidade da palavra humana. Dizemos não aos que nos convidam a lavar as mãos perante as cotidianas crucificações que ocorrem ao nosso redor. Aborrecida Fascinação de uma arte fria, indiferente, contempladora do espelho, preferimos uma arte quente, que celebra a aventura humana no mundo e dela participa uma arte irremediavelmente apaixonada e briguenta. Seria bela a beleza, se não fosse justa. Seria justa a Justiça se não fosse bela. Nós dizemos não ao divórcio entre a beleza e a justiça, porque dizemos sim ao seu abraço poderoso e fecundo. Acontece que nós dizemos não e dizemos não, estamos dizendo sim" (Eduardo Galeano).
1997.2	170 anos de História pelo Direito – Bacharéis de 1997.2.	Subsolo	"Disse que, nesta casa consagrada ao culto do direito, viera fazer a minha oração. E assim é realmente. Tudo quanto vos disse não foi mais do que um modo de unir o meu espírito ao espírito da Faculdade de Direito do Recife, dos grandes mestres que criaram esta grande força moral, construtora da cultura nacional que elaboram tantas belezas do pensamento jurídico para iluminar a vida do povo brasileiro, e que felizmente, vêm a sua empresa continuada dignamente pelo que no momento presente os substituem" (Clóvis Beviláqua).
1998	Dez Anos da "Constituição Cidadã" – Bacharéis de 1998.2	Subsolo	"Os antigos gregos nunca compreenderam plenamente a distinção, que para nós modernos é tão evidente, entre normas técnicas e éticas. Sendo eles a fonte primordial de nossa cultura, devemos considerar suas reflexões. Assim, as convicções pessoais sobre o que é justo, por mais arraigadas que sejam, terão pouco valor sem o domínio das técnicas dogmáticas que regem nossa vida prática. Por outro lado, o conhecimento dos procedimentos jurídicos será estéril e sem direção se não estiver fundamentado em princípios éticos de respeito ao outro, probidade e competência, o que remete à máxima socrática" (Prof. João Maurício Leitão Adeodato).
1999	Gentil Carvalho Mendonça Filho – Bacharéis de 1999.1	Subsolo	"Tão indelével quanto vossos nomes gravados no aço, que perdurem em vossos espíritos o respeito à divergência e o senso de justiça" (Maria Regina Montenegro Rosa e Silva)
2000	Dr. Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho – Bacharéis de 2000.1	Subsolo	"A essência da vida humana, o prazer da vida, é lutar. Lutar sem pensar no resultado. Porque seja qual for, bastou o período da luta para valer de compensação do esforço individual" (Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho).

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2025).

A análise da distribuição dos registros textuais nas plantas baixas da instituição revela disparidade quantitativa: a planta baixa do Nível 2 (térreo) registra sete indícios, compreendendo frases, mensagens, trechos de discursos e excertos de artigos, enquanto a do Nível 1 (subsolo) apresenta onze vestígios identificados.

Não há placas de formatura nos corredores do 1º andar da FDR, pavimento descrito por Pernambuco (1927, p. 192) como evocando "delicadeza e ornamentos da mulher", conforme verificado após catalogação detalhada dos artefatos nos demais níveis. Faria e Pericão (2008, p. 406) definem documento como "qualquer elemento desconhecido ou fonte de informação fixada materialmente, que possa ser utilizado para estudo, consulta ou prova", ampliando o conceito além do suporte físico para enfatizar o valor informativo intrínseco.

Na Sala Museu Ruy Barbosa, sob a gestão da Biblioteca da FDR, exibem-se dois quadros fotográficos em preto e branco (turmas de 1907 e 1911), revelados de negativos de vidro do início do século XX, creditados à *Photographia Chic* e *Photographia Piereck* Pernambuco. Esses itens qualificam-se como documentos por sua fixação material e valor histórico.

Após o mapeamento e quantificação nas plantas baixas nos níveis do térreo, subsolo e 1 andar, identificaram-se 122 placas de formatura da FDR fotografadas. Considerando a remoção de duas unidades por danos de infiltração e duas duplicações, deduzem-se três peças do total, resultando em 119 placas distintas no inventário final. Incluindo dois quadros na Sala do Museu Ruy Barbosa, o acervo totaliza 121 unidades.

5 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS VESTÍGIOS ENCONTRADOS NAS PLACAS

A análise das placas de formatura da FDR, artefatos subestimados em seu potencial documental, confronta a complexidade de um campo pouco explorado. Essa investigação transcende a mera identificação, propondo que tais artefatos superem sua função estética ou decorativa por meio da revelação de significados encobertos em elementos textuais, visuais, entre outros. O método indiciário, aplicado à análise de sinais, símbolos, traços e vestígios nesse suporte material, revela sua elevada capacidade informacional e memorialística. Esses elementos configuram informações potentes nos objetos, funcionando não apenas como suportes materiais, mas como representações de memória coletiva e institucional, cuja análise, organização e recuperação revitalizam informações e deve centralizar-se na Ciência da Informação.

A placa de 1959, localizada em corredor do piso térreo entre os dois anfiteatros, não se encontra fixada à parede, configurando-se como memória relegada ao esquecimento. Essa peça, situada em área de acesso restrito ao público, carece dos cuidados de preservação inerentes ao seu valor histórico-institucional.

Uma placa de alumínio sob a de Jubileu de Prata dos Bacharéis de 1970 registra homenagem de 21 de novembro de 2024 aos defensores da liberdade na FDR contra a Ditadura Militar, sob o Decreto-Lei nº 477/1969. O evento premiou 18 ex-alunos e estudantes vítimas de repressão pela Lei de Segurança Nacional, destacando o papel do Diretório Acadêmico Demócrito de Souza Filho na defesa democrática, com vistas a prevenir violações futuras de direitos humanos. A homenagem consolida democracia e liberdade como valores institucionais, preservando a memória dos perseguidos e garantindo a não repetição de abusos, configurando-se como ato de memória, verdade, justiça e reparação histórica.

Os quadros de formatura de 1907 e 1911, expostos na Sala Museu Ruy Barbosa, constituem documentos valiosos que funcionam como extensores de memória e consciência histórica no campo jurídico brasileiro. Sua análise revela aspectos complexos, permitindo interpretações aprofundadas da história institucional. A mediatização da memória por meio dessas representações iconográficas possibilita o acesso a informações ocultas ou silenciadas, reativando narrativas históricas.

A partir da turma de 1998.2, os discentes incorporaram fotografias das turmas às placas de formatura da FDR, adotando predominantemente suportes em pedra e vidro, além do formato retangular. Assim, a memória coletiva registra-se nessas placas, permitindo futura rememoração do passado. Os corredores do subsolo, com umidade decorrente do lençol freático, abrigam as peças mais recentes com fotografias, as quais provavelmente sofrerão desgaste, tornando as imagens indistintas, como já observadas em algumas unidades.

6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A partir das informações apresentadas pela investigação da memória institucional da Faculdade de Direito do Recife, por meio de suas placas de formatura, confirma-se que a memória não constitui um depósito estático, mas um processo dinâmico de reconstrução simbólica. Esses artefatos transcendem o caráter meramente decorativo, funcionando como dispositivos mnemônicos ativos que cristalizam valores, hierarquias e narrativas políticas.

As placas de formatura da Faculdade de Direito do Recife vão além de ritos de passagem, configurando-se como extensores de memória essenciais à preservação da identidade

institucional. Elas ecoam as vozes de gerações passadas, ao mesmo tempo em que revelam os silêncios impostos no presente.

A preservação desses extensores memoriais na FDR demanda ações que superem a mera manutenção arquitetônica do edifício; sem a conservação adequada desses artefatos, a história institucional corre o risco de fragmentar-se, bem como pela necessidade de instituir procedimentos de registro para a segurança dos acervos institucionais e de políticas públicas voltadas à proteção do patrimônio, ao acesso à informação e à preservação da memória coletiva.

Conclui-se que as placas de formatura do Curso de Bacharelado em Direito constituem representações materiais que evocam registros históricos e sociais, promovendo a preservação e transmissão da memória institucional e coletiva no campo jurídico pernambucano. Assim, elas asseguram a continuidade e revitalização de tradições e narrativas compartilhadas, tanto na comunidade acadêmica quanto em espaços sociais mais amplos, fortalecendo o vínculo entre passado e presente.

Espera-se que este artigo contribua significativamente para diversas áreas do saber. Embora tenha evocado várias informações e memórias silenciadas, os extensores de memoriais analisados revelam-se fundamentais para a instituição, podendo ser aproveitados por novos pesquisadores, uma vez que ainda resta muito a ser descoberto.

REFERÊNCIA

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

BUCKLAND, M. K. *What is a “document”?* In: Buckland, M.; Hahn, T.B. (eds.) *Historical studies in information science. (asis Monograph Service, p. 215–220). Medford, nj: Information Today. (Reimpressão de Journal of the American Society of Information Science, 48(9), 804–809, Sept. 1997.*

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Portugal: Armand Collin / Instituto Piaget, 2005

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

COSTA, I. T. M. Memória institucional: um conceito em definição. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 1995. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/40923>. Acesso em: 2 nov. 2025.

FARIA, M. I., PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. Coimbra: Almedina, 2008.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, Mariangela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (Orgs.). **Dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008, p.13-36.

FROHMANN, Bernd. A Documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 219–240, 2009.

FROHMANN, Bernd. **Revisiting “what is a document?”** *Journal of Documentation*, v. 65, n. 2, p. 291–303, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Trad. Maria Betânia Amoroso. 2ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ISBN 978-85-359-0810-7

OTLET, Paul (1868–1944). *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique.* Bruxelles: Editions Mundaneum; Palais Mondial; Imp. Van Keerberghen & fils, 1934. 431 p.

MARCIAL, E.; VIEIRA, J. S. Memória institucional em risco. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, n., 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153301>. Acesso em: 5 nov. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 22 out. 2025.

PERNAMBUCO, José A de A. O Palácio da Faculdade de Direito *In: _____ Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife*. Recife: Imprensa Industrial. v.35, n.1, p.192–195, 1927. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/view/265011>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Vestígios de Memória da Representação Descritiva Materializados em Catálogos. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 19, p. e025016, 2025. DOI: 10.36311/1981-1640.2025.v19.e025016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/16053>. Acesso em: 6 jul. 2025.

UHLENBECK, Karen Keskulla. **Não há caminho linear na pesquisa, diz Karen Uhlenbeck.** Rio de Janeiro, Instituto de Matemática Pura e Aplicada, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://impa.br/notices/nao-ha-caminho-linear-na-pesquisa-cientifica-diz-karen-uhlenbeck/>. Acesso em: 13 out. 2025.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes da escrita. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Glossário Ceale Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores.** Belo Horizonte, UFMG. 2014. Disponível em: <https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>. Acesso em: 13 abr. 2025.